

## ÍNDICE DE SALIÊNCIA E DOMINÂNCIA EM TERMOS BÁSICOS DE CORES: ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE PORTUGUÊS E LIBRAS

Jones Dias de Almeida<sup>1</sup>

Humberto Meira de Araujo Neto<sup>2</sup>

Jaqueline Vitória da Silva<sup>3</sup>

Adeilson Pinheiro Sedrins<sup>4</sup>

### RESUMO

Os termos básicos de cor foram definidos com base em critérios propostos pelos linguistas antropólogos Berlin e Kay (B&K), em 1969, e resultaram nas seguintes cores chamadas também de cores focais, a exemplo do português: branco, preto, vermelho, verde, amarelo, azul, marrom, roxo, rosa, laranja e cinza, termos estes que constituem, segundo os autores, o universal semântico de cor e aparecem numa ordem gradativa, na qual o branco e o preto encabeçam essa ordem e o roxo, cinza, rosa e laranja a ultimam. Cada um desses termos constitui o melhor exemplo de cada categoria de cor, ao passo que nomeiam essas categorias. Há possibilidade de o quantitativo de termos ser diferente entre as línguas, mas há indícios de um compartilhamento universal de repertório relacionado a cores que varia, necessariamente, entre 2 e 11 termos supracitados. Apesar de o debate sobre categorização de termos básicos para cores ser amplo com línguas orais, como pode ser evidenciado por estudos recorrentes em Kay (1975); Kay & Mcdaniel (1978); Kay, Berlin & Merrifield (1991); Kay & Maffi (1999); Kay & Regier (2006); Kay & Regier (2007); Taylor, J. R (1995); Davies & Corbett (1994), ainda temos poucas informações relacionadas às línguas de sinais (cf. Zeshan & Sagara, 2016, com os principais estudos sobre terminologia de cores em línguas de sinais). Objetivos: Nesse sentido, esta pesquisa pretende averiguar se na Língua Brasileira de Sinais há ocorrência das restrições e do repertório universal de cor propostos pela Teoria de B&K sobre categorização de termos básicos para cores, bem como comparar se há traços de divergência e convergência com o Português. Metodologia: Trata-se de um estudo comportamental descritivo de ordem comparativa, em que serão investigadas estas duas línguas de modalidade distintas. O estudo proposto constitui algo inédito no Brasil, sobretudo porque faz uso de tarefas comportamentais com uma amostra considerável a partir da descrição, levantamento e análise dos dados baseados nos pressupostos teórico-metodológicos de Hollman e Uuskula (2012) e Hollman (2010). Foram realizadas duas tarefas: uma de nomeação e outra de listagem de cores. Resultados: Os resultados da análise indicaram que os TBCs das cores básicas foram mais salientes em ambas as línguas. Também foram encontrados agrupamentos primário e secundário de cores, exceto para os termos marrom e rosa em Libras. Conclusões: Os resultados confirmam a saliência dos TBCs e identificam os melhores exemplos desses termos de cor em ambas as línguas.

---

<sup>1</sup> Mestre pela Universidade Federal de Alagoas, jonesdalmeida@gmail.com

<sup>2</sup> Doutor pela Universidade Federal de Alagoas, humberto.neto@fale.ufal.br.

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Letras-Libras da Universidade Federal de Alagoas, Jaquelinevitoriads95@gmail.com;

<sup>4</sup> Professor orientador do Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura da UFAL, sedrins@gmail.com.

**Palavras-chave:** Libras; Língua Portuguesa; Termos básicos de cores.

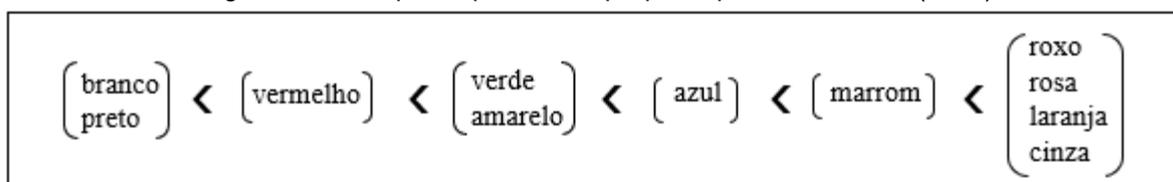
## INTRODUÇÃO

Embora o olho humano seja capaz de perceber mais de sete milhões de cores diferentes (Brown e Lenneberg, 1954), temos um número baixo de termos lexicais utilizados para referi-las, especialmente se estamos falando de termos básicos. Os termos básicos de cor foram definidos com base em critérios propostos pelos linguistas antropólogos Berlin e Kay (B&K), em 1969, que resultaram na teoria dos universais semânticos de cor que os autores chamam de Cores Focais, e resultaram nas seguintes cores: branco, preto, vermelho, verde, amarelo, azul, marrom, roxo, rosa, laranja e cinza. Cada um desses termos constitui o melhor exemplo de cada categoria de cor, ao passo que nomeiam essas categorias e que, por isso, são consideradas cores focais.

A quantidade de termos pode variar entre as línguas, mas há indícios de um repertório universal de cores, que varia entre 2 e 11 termos, conforme a Teoria de B&K. Esta teoria, consagrada pelo estudo de 1969 *Basic Color Terms: Their Universality and Evolution*, afirma que todas as línguas apresentam ao menos dois TBCs: preto e branco. Se houver um terceiro TBC, será o vermelho, e as cores adicionais seguem uma ordem definida, onde a presença de TBCs de estágios avançados implica a existência de TBCs de estágios iniciais.

As quatro cores restantes (cinza, laranja, roxo e rosa) não mostram nenhuma ordem especial (Figura 1).

Figura 1: Hierarquia implicacional proposta pela Teoria B&K (1969).

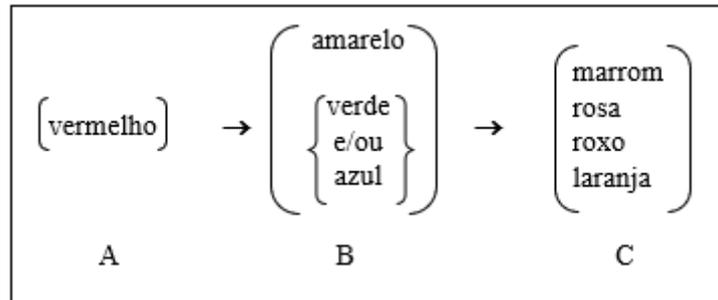


Fonte: Berlin & Kay, (1969).

Algumas alterações, como a posição do azul e do cinza nessa hierarquia, foram sugeridas em (Witkowski e Brown, 1977), que trazem a afirmativas de que os termos

básicos de cores, apesar de estabelecidos, não são estáticos em ordenação quando observados a partir de determinados estágios como pode ser visto na Figura 2, abaixo:

Figura 2: Proposta de reformulação de Witkowski e Brown



Fonte: Witkowski e Brown (1977, p. 52).

Tais constatações levaram à crença de que havia uma universalidade atrelada ao campo da linguagem e da configuração biológica humana, o que foi comprovado em um estudo posterior por Kay e Mc Daniel documentado em Lakof (1987), constatando características universais, denominadas pelos teóricos B&K de Universal Semântico de Cor, de percepção e cognição. Pode-se dizer que houve uma ruptura nos estudos da linguagem provocada pelas constatações de B&K que nos permite pensar em universais semânticos de cor para os termos de cores considerados básicos.

O estudo original de B&K investigou 98 línguas orais e continua sendo referência no assunto. A partir dele, estudos subsequentes foram realizados e ajustes metodológicos foram propostos (KAY, 1975; KAY & MCDANIEL, 1978; KAY, BERLIN & MERRIFIELD, 1991; KAY & MAFFI, 1999; KAY & REGIER, 2006; KAY & REGIER, 2007; DAVIES & CORBETT, 1994; SUTROP, 2002; UUSKÜLA, 2008; HOLLMAN, 2010). Os resultados desses estudos reafirmaram a hipótese da universalidade, mas ainda seguem gerando discussões no campo da linguística

Outras pesquisas, como de Hollman e Uuskula (2012) e Hollman (2010) se propuseram a analisar a categorização de cores em línguas ainda não investigadas com o intuito de somar dados aos levantamentos precedentes a respeito dos termos básicos de cores (TBCs). Para isso, as pesquisadoras agregam aos seus estudos línguas ainda não investigadas tomando como ponto de partida discussões e análises de línguas fino-úgricas e a língua de sinais da Estônia e é a partir das constatações evidenciadas nesses estudos que nortearmos nossa pesquisa e tomaremos como

base para o levantamento de dados os dois testes neles utilizados a partir de uma perspectiva experimental de maneira que fosse adaptado ao contexto e necessidade contextual da investigação.

Este estudo investiga se as hierarquias dos termos básicos de cor ,TBCs, identificadas em pesquisas anteriores são aplicáveis à Libras e ao português, verificando se ambas seguem os mesmos padrões do universal semântico de cor. A pesquisa compara essas duas línguas, que, apesar de serem de modalidades distintas, estão em constante contato, o que pode gerar interferências no léxico, especialmente em relação aos TBCs. O objetivo é mapear a extensão das categorias de cor em ambas as línguas, identificar os melhores exemplos de TBCs e analisar sua saliência, a fim de descrever como essas línguas categorizam os TBCs.

A Teoria de B&K estabelece como TBC aqueles que seguem os seguintes critérios: 1) O termo deve ser monolexêmico (diferente de azul bebê); 2) O termo não deve estar associado ou ser derivado de outro (diferente de escarlate); 3) O termo não pode ser restrito a aplicações específicas (diferente de loiro e grisalho); 4) O termo deve ser psicologicamente saliente entre os falantes. Tendo tendência a ocorrer no início de listas de termos de cores eliciadas e estabilidade de referências entre sujeitos e em todas as ocasiões de uso e ocorrência nos idioletos de todos os sujeitos. (são termos de uso corriqueiro nas línguas, tais como azul no português, *blue* no inglês e *bleu* no francês); 5) O termo não pode derivar de empréstimo recente<sup>5</sup>.

As línguas de sinais podem expressar cores a partir de itens compostos, empréstimos, derivação, apontação para objetos que apresente cores bem familiarizadas, entre outras estratégias. Muitos sinais de cor derivam da referência a objetos do campo concreto para identidade de cor (por exemplo: lábios / vermelho, dentes / branco), o que foge a um dos critérios de referência para formar as categorizações de cor. Também, as características conceituais e de forma de termos de cores em línguas de sinais podem ser fortemente moldados pelo contato com língua (s) falada (s), que as atravessam (McKEE, 2016).

Em um estudo feito por Lucina Ferreira Brito, que se propôs a analisar termos básicos de cores em Libras e em Língua de Sinais Urubu-Kaapor (LSUK), língua falada em uma aldeia da floresta amazônica brasileira, a autora esbarrou nessas mesmas

---

<sup>5</sup> O critério 5 e mais outras três restrições são sugeridas pelos autores para os casos duvidosos que possam surgir. Antecipamos este critério, pois muitas línguas de sinais fazem uso de empréstimo para cores.

questões que, inclusive, levaram-na a concluir que “os sistemas de cores nas línguas de sinais – LIBRAS e LSKB – ao contrário dos sistemas das línguas orais, são defectivos e inconsistentes” (BRITO, 2010, p. 168). Ainda nessa mesma perspectiva, a autora afirma que as línguas de sinais tendenciam explorar muito mais a *forma*, o *tamanho* e o *movimento* quando descrevem seres e eventos do que as cores.

As conclusões acima apontam que, em se tratando de TBC, há de se considerar os 5 critérios utilizados por B&K na hora de analisá-los, o que gera questões de aplicabilidade em línguas de modalidade visuoespacial que merecem ser discutidas.

Nyst (2007) aborda esses critérios em sua análise quando fala sobre o fato de que “o termo não deve estar associado ou ser derivado de outro e não deve resultar de empréstimo recente”. Alguns sinais, como VERMELHO em Libras, Língua de Sinais Americana (ASL) e Língua de Sinais Francesa (LSF), parecem apontar para objetos ou regiões que possuem a cor de referência. No caso da Libras, o sinal é feito com o dedo indicador nos lábios. O mesmo acontece com outras cores em ASL e LSF, como preto e branco. Em outros casos, o termo parece ter status de TBC, mas deriva de empréstimo por meio de inicialização datilológica, como PRETO e AZUL ou denominam outros objetos, como LARANJA em Libras.

A maneira como as línguas de sinais categorizam seus TBCs nos leva a refletir sobre os critérios de hierarquia estabelecidos por B&K, mas não os anulam, pois “a correlação entre sinais de cores e sua motivação reflete a ordem interna da hierarquia de cores” (NYST, 2007, p. 93)

O estudo aqui proposto pretende ampliar essa discussão envolvendo a Libras, atualmente sem dados para o assunto em questão, seguindo as constatações do estudo original de B&K, mas com adaptação metodológica baseada em estudos de Hollman e Uuskula (2012) e Hollman (2010), no sentido de mapear os termos básicos de cor e apontar a saliência dessas cores na produção linguística dessa língua e verificar características que possam corroborar com as hipóteses da universalidade e da ordenação previsível da categorização dos TBCs no campo da Libras, ao passo que far-se-á um contraponto com dados da língua portuguesa a fim de observar em que medida e/ou se uma interfere na outra na categorização de TBCs.

## **METODOLOGIA**

Desenvolvemos um estudo de caráter experimental seccional descritivo comparativo que conta com duas tarefas adaptadas dos procedimentos de *Kay et al* (2009), Berlin, Maffi, Merrifield (2009) e Davies & Cobett (1994, p. 69-72), sendo este último também utilizado no estudo sobre TBC em Língua de Sinais da Estônia (HOLLMAN, 2010). As tarefas foram: teste de listagem com o objetivos e comparar os TBCs utilizados nas línguas estudadas, ranquear os termos em cada língua e entre elas e verificar o índice de saliência dos termos e cores nas línguas aqui envolvidas – o português e a Libras. O estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFAL e aprovado sob CAAE de N° 52889221.9.0000.5013.

Para esta isto, obtivemos amostras distintas para cada uma das tarefas propostas, divididas em duas análises. Para o teste de listagem, contamos com uma amostra em que foram entrevistados 11 falantes do Português e 11 falantes da Libras sem domínio da língua portuguesa.

Os participantes foram acolhidos e informaram, diante de uma câmera, os termos de cores que lembraram num tempo livre. A instrução para esta tarefa foi “diga, no seu tempo, o maior número de cores que você conhece e lembra”, dada diretamente nas línguas envolvidas. Para maior precisão e integridade da descrição, a temática da tarefa e da pesquisa só era informada segundos antes do início da coleta (quando possível, no momento da instrução), evitando, assim, efeito de *priming*, e, além disso, o campo de visão dos participantes continha, sempre que possível, apenas objetos indispensáveis para a pesquisa, além da presença do pesquisador e do intérprete de Libras (quando necessário).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os dados coletados na tarefa de listagem estão sintetizados na Tabela 1, abaixo. Nessa etapa da análise, observamos, para cada língua, o total de termos para cores mencionados pelos participantes, o total de termos distintos e a média de termos mencionados entre os participantes desta tarefa (número de participantes entre parênteses).

Tabela 1: Total e distribuição dos termos de cores obtidos na tarefa de listagem em cada língua.

Língua	Total de termos	Termos distintos	Média de termos produzidos
Libras (9)	120	34	13,33
Português (9)	94	26	10,44

Fonte: autor, 2024.

A diferença da média de termos mencionados se acentua e a amplitude lexical muda significativamente para o Português, com um total que reduz quase pela metade, segundo o quantitativo de termos distintos mencionados nessa língua. Em Libras, a mudança no total de menções de termos distintos é mínima.

A amplitude lexical da categoria cor não parece divergir significativamente, dado o quantitativo de termos distintos mencionados entre as línguas. Vale lembrar que as mudanças fonéticas e morfológicas foram neutralizadas, com exceção daquelas provocadas por processos de composição e por adjetivação com o sufixo “ado” para o português. Além disso, os termos repetidos nessa tarefa foram desconsiderados. Um dos falantes da Libras repetiu significativamente alguns termos, mas seus dados foram incluídos, ainda que sem as repetições. Talvez os termos mais proeminentes sejam ativados na memória com mais facilidade e, por isso, possam se repetir, ou o participante pode estar, simplesmente, tentando lembrar outros termos e, enquanto isso, repete alguns que já foram mencionados. Um outro participante da Libras produziu um sinal desconhecido registrado com a glosa *r\_pedagogia*, pela semelhança com o sinal de pedagogia, mas com a CM em “R”. O sinal foi mantido.

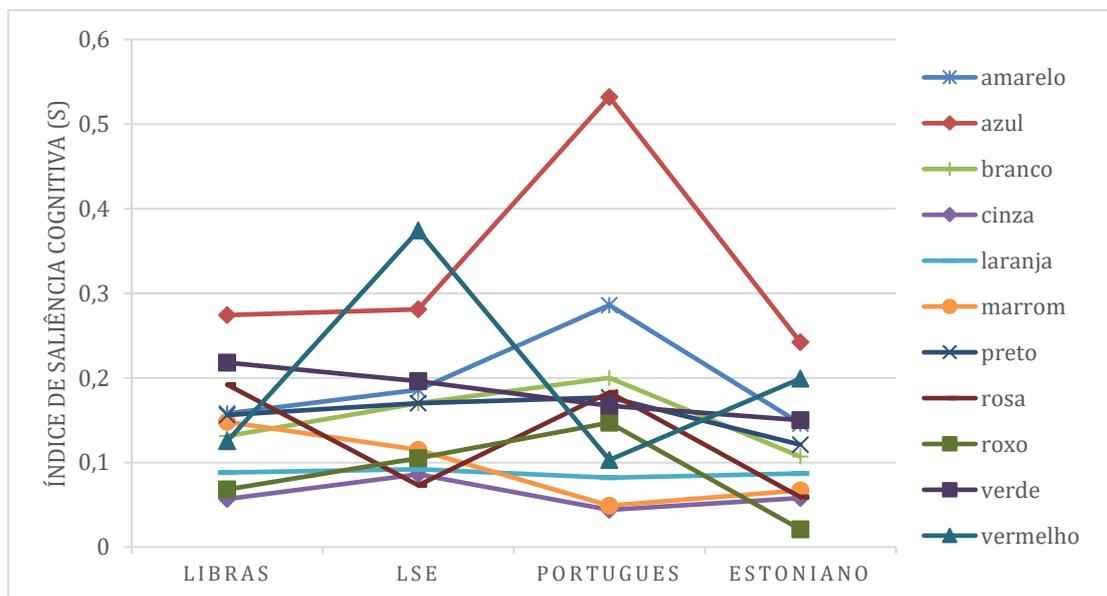
Ao contextualizar esses achados em relação a estudos similares realizados com outras línguas e embasados nas teorias aqui elencadas, a pesquisa ganha maior profundidade. A comparação com amostras menores de outras línguas realizadas por pesquisadores como Berlin e Kay nos permite considerar a representatividade da amostra atual e a abrangência das conclusões tiradas.

Em síntese, esta seção nos conduz a uma reflexão sobre a riqueza das nuances semânticas e linguísticas que permeiam a maneira como as cores são expressas em Libras e Português. A análise detalhada dos dados, aliada à contextualização teórica e à comparação com estudos semelhantes, contribui para uma compreensão mais abrangente de como as línguas em discussão estão em movimento e a maneira que os TBCs são categorizados nos remetem ao fato de que não se pode ignorar a abrangência que estudos semânticos comparativos a partir de campos específicos

podem dar continuidade ao que fora consagrado dos registros literários, o que poderá ser constatado nas constatações seguintes.

O Gráfico 1, abaixo, apresenta a relação entre os índices de saliência cognitiva das línguas aqui envolvidas. Para fins de comparação, também acrescentamos dados das outras duas línguas: Estoniano e Língua de Sinais da Estônia (LSE). Também resumimos as informações do gráfico às cores que se enquadram nos 11 TBCs.

Gráfico 1: índices de saliência cognitiva.

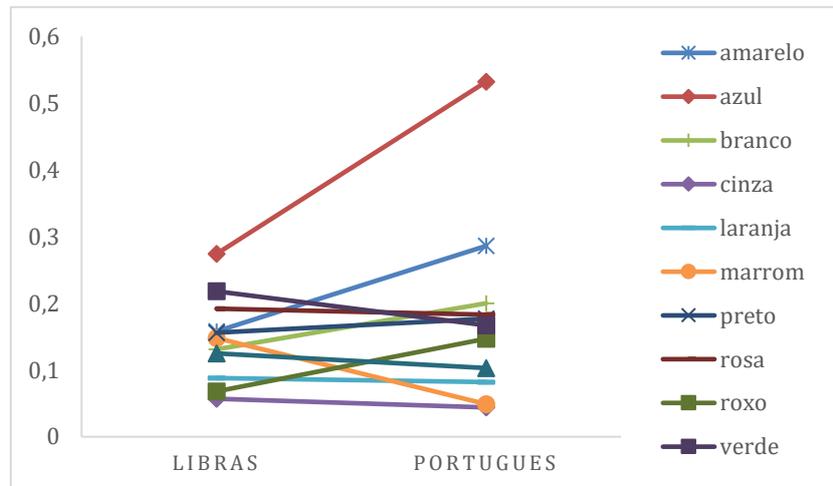


Fonte: autor, 2024.

As línguas Libras e Português diferem dos resultados encontrados nas demais línguas, dado que a cor secundária rosa (em Libras e em Português) ganha destaque e a cor primária vermelho (em Libras e Português) e branco (em Libras) perdem a posição mais superior do gráfico.

É notório que, dentre os TBCs comparados, vimos que há o aparecimento dos 11 termos da ordem hierárquica de B&K. Porém, os termos não aparecem na ordem convencional nos estudos consagrados pelos teóricos. Vale apontar que dentre as línguas observadas, apenas na LSE o azul não apareceu encabeçando os dados, o que nos leva a refletir sobre a necessidade de observar e replicar os testes que culminaram na ordem hierárquica de B&K e buscar possíveis fatores que possam interferir nas quebras que ocorreram não apenas nas línguas em análise. No Gráfico 2, abaixo, vemos a comparação entre Libras e Português.

Gráfico 2: Comparativo do índice de saliência cognitiva (S) dos TBCs nas línguas Libras e Português.



Fonte: autor, 2024.

Nessa análise, a cor azul aparece ocupando o topo da saliência e, de modo geral, as cores secundárias ocupam posições mais baixas, com as exceções já apontadas acima.

Há de se observar que essa mudança da posição no azul tanto para a Libras quanto para o português nos leva à reflexão de que essas duas línguas estão de alguma maneira seguindo um padrão, ao menos no que diz respeito ao encabeçamento, quando estamos falando sobre ordem hierárquica já que seria comum a recorrência de termos o branco e o preto nas duas primeiras posições.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, fizemos um levantamento de dados baseados em duas línguas de modalidades distintas (língua portuguesa e língua brasileira de sinais) que foram discutidos e comparados a partir da execução de duas tarefas de elicitación, tendo como foco a produção de termos de cores, de forma que foram considerados aqueles que são mais básicos, conforme critérios apresentados na teoria B&K (1969), com a finalidade de averiguar como essas duas línguas respondem aos estímulos das tarefas de listagem e nomeação a fim de averiguar o critério de saliência por meio dos índices de saliência.

Dos quatro critérios principais apresentados pelos autores a respeito dos TBCs, sentimos a necessidade de confirmação do quarto, a saber: o termo deve ser psicologicamente saliente entre os falantes. Com os dados obtidos por meio das

tarefas de listagem e nomeação, pudemos mensurar a saliência dos termos básicos identificados e correlacioná-la com os 11 termos básicos de cores já classificados por B&K, podendo, assim, atestar a saliência.

Nas análises aqui apresentadas vimos que os dados da tarefa de listagem confirmam maior índice de saliência cognitiva para os termos básicos de cores em ambas as línguas. Porém, foram vistas inconsistências que podem ser consideradas quando consideramos a hierarquia proposta por B&K. Dentre os TBCs, confirmamos também os agrupamentos primário e secundário das cores, com exceção de termos que fugiram do escopo da hierarquia em Libras. Isso se deu porque algumas cores apresentaram valores mais altos e, portanto, aproximados do agrupamento das cores primárias. Nossa hipótese é de que o número de participantes pode ter influenciado no resultado. Os dados desse trabalho dialogam com resultados obtidos em outras línguas (inglês, russo, finlandês, estoniano, húngaro, línguas fino-úgrico e língua de sinais da Estônia) sobretudo no que diz respeito aos termos das cores preto e branco, cujas posições na distribuição hierárquica divergem do que é proposto teoricamente. O argumento para este fenômeno aponta para possíveis efeitos sincrônicos.

Dessa forma, nossa análise apresentou resultados que ao mesmo tempo que reproduz alguns paradigmas consagrados nos estudos sobre TBCs, nos apontam diferenças no quantitativo de termos distintos produzidos na tarefa de listagem e no total de ambas as tarefas, que diminui em Libras e aumenta em Português; da cor rosa que com maior valor de saliência na tarefa de listagem em ambas as línguas; e da cor bege que também com maior valor de destaque em Português.

Em suma, confirmamos a saliência dos TBCs com os dados da tarefa de nomeação a partir do grau de concordância de uso dos mesmos termos pelos participantes para nomear as mesmas cores.

Por meio dos resultados obtidos, pudemos observar a saliência de cada termo de cor e, com isso, identificar os melhores exemplos de TBC obtidos a partir dos estímulos, confirmando, sobretudo, os 11 TBCs em ambas as línguas.

Pudemos, também, constatar algumas quebras na ordem hierárquica dos estágios dos TBCs nas duas línguas, como alguns desvios dos padrões na observação da saliência dos TBCs (destaque em Libras para os termos MARRROM e ROSA ocorrendo acima do VERMELHO; e em ambas as línguas os termos para preto e branco não ocupando o topo da saliência).

À medida que chegamos ao término deste trabalho, nossos resultados ressoam com padrões estabelecidos nas pesquisas sobre TBCs, porém também apontam para nuances que desafiam esses paradigmas. Confirmamos a saliência dos TBCs através dos índices de saliência. No entanto, identificamos quebras nas hierarquias propostas por B&K, sugerindo que fatores contemporâneos podem estar impactando a forma como as cores são percebidas e expressas.

Uma das possibilidades que pode explicar as quebras identificadas nas hierarquias propostas por B&K está relacionada às inúmeras revoluções que moldaram as últimas décadas, pois vivemos num cenário contemporâneo em que o acesso a uma vasta gama de estímulos visuais se tornou a norma, graças à exploração de distintas formas artísticas acessível e à tecnologia que permeia nosso cotidiano. Essas revoluções podem estar provocando mudanças sincrônicas nas formas como percebemos e nomeamos as cores. O mundo de hoje é notavelmente “mais colorido”, graças à visualização de uma variedade de cores por meio de tecnologias como telas de alta resolução, dispositivos móveis e até mesmo realidade virtual.

Esse acesso constante a estímulos visuais diversos pode estar influenciando a expressão das cores e, conseqüentemente, impactando as hierarquias tradicionalmente estabelecidas. A interseção entre o digital e o perceptual está alterando a maneira como as cores são apreendidas, refletindo uma nova dinâmica na comunicação e na linguagem que pode estar influenciando os resultados obtidos em estudos de TBCs. As questões acima supracitadas poderão ser melhor observadas e postas à prova em oportunidades vindouras mediante a ratificação do estudo a partir de novos levantamentos e análises de dados.

## REFERÊNCIAS

ARNHEIM, R.. Art and Visual Perception. A Psychology of the Creative Eye. Berkeley: University of California Press. 1974

BÁEZ-MONTERO, Inmaculada; FERNÁNDEZ-SONEIRA, Ana María. Semantic Fields in Sign Languages, 73-122. 2016

BERLIN, Berlin.; KAY, Paul. Basic color terms: their universality and evolution. Stanford: CSLI publications, 1999.

BERLIN, B.; KAY, P. Basic Color Terms. Berkeley: University of California Press, 1969.

BLOOMFIELD, L. Language. London: George Allen & Unwin, 1933.

BORGATTI, S. P. 1999. Elicitation techniques for cultural domain analysis. In *Enhanced ethnographic methods: Audiovisual techniques, focused group interviews, and elicitation techniques*, edited by J. J. Schensul, M. D. LeCompte, B. K. Nastasi, and S. P. Borgatti, 115–51. *Ethnographer's toolkit*, Vol. 3. Walnut Creek, CA: AltaMira, 1999.

BRANGEL, Larissa M. O universalismo semântico entre termos de cores e o seu reflexo nos estudos da linguagem. X Semana de Letras: EDIPUCRS, 2010. Anais, Rio Grande do Sul: EDIPUCRS, 2010.

BRITO, Lucinda Ferreira. *Por uma gramática de línguas de sinais*. 2. ed. Rio de Janeiro: TB - Edições Tempo Brasileiro, 2010.

BROWN, C. H.; WITKOWSKI, S. R. figurative language In a universalist perspective, *American Ethnologist*, 2009.

BROWN, R. W.; LENNEBERG, E. H. A study in language and cognition. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, 1954. 49(3), 454–462.

DAVIES, I. & CHAPLIN, CATRIONA & MCGURK, H & CORBETT, GREVILLE & JERRETT, H. & JERRETT, D. & SOWDEN, PAUL. (1992). Color Terms in Setswana: A Linguistic and Perceptual Approach. SMG published journal articles and book chapters.. 30. 10.1515/ling.1992.30.6.1065.

DAVIES, I.; CORBETT, G. The basic color terms of Russian. *Linguistics*. 32. Walter de Gruyter, 1994, 65-90. 10.1515/ling.1994.32.1.65,

DURBIN, M. Review of Basic Color Terms. *Semiotica* 6, 1972.

EICHMANN, Hanna; RACHEL Rosenstock. 2014. Regional variation in German Sign Language: The role of schools (re-) visited. *Sign Language Studies* 14:2, 175–202.

EVERETT, D. Cultural constraints on grammar and cognition in piraha: another look at the design features of human language. *language*. 46, 2005, 621-646. 10.1086/431525.

FERRARI, L. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011. FILLMORE, C. J.

HENDRIKS, Bernadet. Kinship and colour terms in Mexican Sign Language. From the book *Semantic Fields in Sign Languages*. <https://doi.org/10.1515/9781501503429-010>

HOLLMAN, L. Basic Color Terms in Estonian Sign Language. *Sign Language Studies*. 11. 10.1353/sls.2010.0011, 2010.

HOLLMAN, L. Colour terms, kinship terms and numerals in Estonian Sign Language. In: ZESHAN, U.; SAGARA, K. *Semantic fields in sign languages: colour, kinship and quantification*. Boston/Berlin/Lancaster: De Gruyter Mouton and Ishara Press, 2016.

JOHNSTON, Trevor (ed.). 1998. *Signs of Australia: A new dictionary of Auslan*. Sydney: North Rocks Press.

Kay, Paul. "Synchronic Variability and Diachronic Change in Basic Color Terms." *Language in Society*, vol. 4, no. 3, 1975, pp. 257–70. JSTOR, <http://www.jstor.org/stable/4166830>. Acesso em 12 Maio de 2022.

KAY, P.; BERLIN, B.; MAFFI, L.; MERRIFIELD, W.R. Color naming across languages. In: HARDIN, C. L.; MAFFI, L. (Eds.). *Color categories in thought and language*. Cambridge University Press, 1997, 320–346. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511519819.015>

KAY, P.; BERLIN, B.; MAFFI, L.; MERRIFIELD, W.R.; COOK, R.: *The World Color Survey*. Stanford: CSLI Publications, 2009.

KAY, P.; BERLIN, B.; MERRIFIELD, W.R. Biocultural implications of systems of color naming. *Journal of Linguistic Anthropology*, 1991. 1(1), 12-25.

KAY, P.; MAFFI, L. Color appearance and the emergence and evolution of basic color lexicons. *American Anthropologist*, 1999. 101(4), 743-760.

KAY, P.; MCDANIEL, C. K. The linguistic significance of the meanings of basic color terms. *Language*, 1978. 54(3), 610-646.

KAY, P.; REGIER, T. Color naming universals: the case of Berinmo. *Cognition*, 2007. 102(2), 289-98.

KAY, P.; REGIER, T. Resolving the question of color naming universals. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*. 2003. DOI: 10.1073/pnas.1532837100

LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things. What categories reveal about the mind*. Chicago/ London: The University of Chicago Press, 1987.

LUCY, J. A. in *Color categories in thought and language*, eds. Hardin, C. L. & Maffi, L. (Cambridge Univ. Press, Cambridge, U.K.), 1997. pp. 320–346.

LUCY, J. A. The linguistics of "color". In HARDIN, C. L.; MAFFI, L. (Eds.). *Color categories in thought and language*. Cambridge University Press, 1997, 320–346. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511519819.015>

MACLAURY, R. E. *Color and cognition in mesoamerica*. Austin: University of Texas, 1997.

MCKEE, Rachel. Number, colour and kinship in New Zealand Sign Language. From the book *Semantic Fields in Sign Languages*. <https://doi.org/10.1515/9781501503429-011>

MERRIFIELD, W. (1971). Brent Berlin and Paul Kay, *Basic color terms: Their universality and evolution*. Berkeley and Los Angeles: The University of California Press, 1969. Pp. xi 178. *Journal of Linguistics*, 7(2), 259-268. doi:10.1017/S0022226700002966.

NONAKA, A. The forgotten endangered languages: lessons on the importance of remembering from thailand's ban khor sign language. *Language and Society*, 2004. 33(5): 737–67.

NYST, V. A. A descriptive analysis of Adamorobe Sign Language (Ghana). 151. Utrecht: LOT. (Doctoral dissertation, Universiteit van Amsterdam, 2007.

RORSCHACH, H. Alucinación Refleja y Simbolismo. In Bash, K. W. (recop.). Hermann Rorschach: Obras Menores e Inéditas (A. G. Miralles, trad.). Madrid / Espanha: Morata (912) 1967a, pp. 248-289.

SAGARA, K.; ZESHAN, U. Semantic fields in sign languages – A comparative typological study. In: \_\_\_\_\_ (Eds.). Semantic fields in sign languages. Colour, kinship and quantification. Boston/ Berlin: De Gruyter Mouton, 2016, p. 3-38.

SARAPIK, Virve. The Colour and the Word. Article in Folklore (Estonia) · April 1997. DOI: 10.7592/FEJF1997.03.red · Source: DOAJ

SAUSSURE, F. de. Curso de Linguística Geral. BALLY, C.; SECHEHAYE, A. (orgs.). São Paulo: Cultrix, 2002.

SILVER-SWARTZ, Amira. 2012. Lexical variation in Italian Sign Language. Senior thesis, Swarthmore College, Pennsylvania.

STAMP, Rose. 2013. Sociolinguistic variation, language change and dialect contact in the British Sign Language (BSL) lexicon. PhD dissertation, UCL, London.

SUTROP, U. (2001) “List task and a cognitive salience index”. *Field Methods* 13, 263-276.

SUTROP, U. The vocabulary of sense perception in estonian: structure and history. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2002.

TAYLOR, J. R. Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory. Second Edition. Oxford: Clarendon Press, 1995.

UUSKÜLA, M. The basic colour terms of Czech, *Trames* 12, 1, 2008, 3-28.

VELUPILLAI, V. An introduction to linguistic typology. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2012.

WELLER, S. C. Structured interviewing and questionnaire construction. In *Handbook of methods in cultural anthropology*, edited by H. R. Bernard, 365–409. Walnut Creek, CA: AltaMira, 1998.

WELLER, S. C.; A. K. ROMNEY. Systematic data collection. Vol. 10, *Qualitative Research Methods*. Newbury Park, CA: Sage, 1988.

WITKOWSKI, S. R.; BROWN, C. H. An explanation of color nomenclature universale. *american anthropologist*, 79, 1977, 50-57. doi:10.1525/aa.1977.79.1.02a00050.

WOODWARD. J. *Sign Language Studies*. Gallaudet University Press - Volume 63, 1989.

ZESHAN, U.; SAGARA, K. Semantic fields in sign languages: colour, kinship and quantification. Boston/Berlin/Lancaster: De Gruyter Mouton and Ishara Press, 2016.